

# AÇÕES EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS POR PROSTITUTAS ORGANIZADAS: TECENDO CONFIANÇA E AUTONOMIA

Fabiana Rodrigues de Sousa\*

## RESUMO

O presente artigo é elaborado com base em reflexões tecidas ao longo de pesquisa de pós-doutoramento realizada com prostitutas que fazem parte de associações da categoria localizadas nas cidades de Belo Horizonte (MG), Campina Grande (PB), João Pessoa (PB) e Recife (PE), com intuito de desvelar processos educativos consolidados no exercício do trabalho sexual e na trajetória de militância dessas mulheres na busca por seus direitos. Com base no referencial da Educação Popular, ao longo do percurso metodológico desta investigação buscamos – pesquisadora e prostitutas – identificar e analisar saberes de experiência construídos nas ações educativas e culturais desenvolvidas por essas mulheres. Os resultados da investigação engendram o entendimento de que o processo de organização de prostitutas em associações tem sido relevante para fortalecer a leitura crítica da realidade, possibilitando o desenvolvimento da autoestima e autoconfiança necessárias capazes de impulsioná-las ao engajamento na busca por seus direitos. As ações educativas realizadas por essas mulheres funcionam como círculos de cultura, nos quais elas vêm apresentando seus anseios, sua estética e afirmando sua condição de sujeito.

**Palavras-chave:** Saber de experiência. Prostitutas. Confiança. Educação popular.

## ABSTRACT

### EDUCATIONAL ACTIONS BY MILITANT PROSTITUTES: BUILDING TRUST AND AUTONOMY

This article draws upon reflections that arose during post-doctoral research carried out with prostitutes belonging to occupational associations located in the cities of Belo Horizonte/MG, Campina Grande/PB, João Pessoa/PB and Recife/PE. The aim of this research was to reveal educational processes that were consolidated while these women were engaged in their sexual profession and involved in militant activities in pursuit of their rights. Using the principles of Popular Education as a base for the methodological approach of this research, both researcher and prostitutes seek to identify and analyze the experiential knowledge acquired from the educational and cultural activities developed by these women. The results of this investigation lead to the understanding of how the process whereby prostitutes have organized themselves in associations has played an important role in strengthening the critical interpretation of reality, while fostering the development of self-esteem and self-confidence necessary

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Programa de Mestrado em Educação e do curso de Pedagogia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Endereço institucional: Avenida de Cillo, 3500, Parque Universitário, Campus Maria Auxiliadora, Americana-SP. CEP: 13467-600. (19) 3471-9757 R: 9924. fabiana.sante@am.unisal.br

for these women to be able and motivated to engage in the quest for their rights. Educational activities undertaken by these women function as cultural circles in which they reveal their anxieties and their aesthetics while asserting their subjectivity.

**Keywords:** Experiential knowledge. Prostitutes. Confidence. Popular Education.

## RESUMEN

### ACCIONES EDUCATIVAS DESARROLLADAS POR PROSTITUTAS MILITANTES: TEJIENDO CONFIANZA Y AUTONOMÍA

El presente artículo reflexiona sobre la investigación postdoctoral realizada con prostitutas militantes que participan en asociaciones ubicadas en las ciudades de Belo Horizonte, Campina Grande, João Pessoa y Recife, con el objetivo de conocer los procesos educativos consolidados en el ejercicio del trabajo sexual y en la militancia vivida por prostitutas en la búsqueda de sus derechos. Con base en el marco de la Educación Popular, buscamos – investigadora y prostitutas – identificar y analizar saberes de experiencia desarrollados en las acciones educativas y culturales organizadas por estas mujeres. Los resultados de la investigación engendran la comprensión de que el proceso de organización de las prostitutas en las asociaciones ha sido relevante para fortalecer la visión crítica de la realidad, lo que permite el desarrollo de la autoestima y la autoconfianza necesarias para impulsarlas en la lucha por sus derechos. Las acciones educativas desarrolladas por prostitutas funcionan como círculos de cultura en el que ellas han presentado sus preocupaciones, su estética y han afirmado su condición de sujeto.

**Palabras clave:** Saber de experiencia. Prostitutas. Confianza. Educación Popular.

## Introdução

O presente artigo é elaborado com base em reflexões tecidas ao longo de pesquisa de pós-doutoramento realizada, no período de 2012 a 2014, com prostitutas ligadas a associações da categoria localizadas nas cidades de Belo Horizonte (MG), Campina Grande (PB), João Pessoa (PB) e Recife (PE) e teve como objetivo desvelar processos educativos consolidados no exercício do trabalho sexual e na trajetória de militância dessas mulheres na busca por seus direitos.

Compreendendo o educar-se como maneira própria de vivenciar o mundo e de atribuir sentido a si, aos outros e ao vivido (FIORI, 1986; FREIRE, 1970; SILVA, 1987), o processo de educar-se protagonizado por mulheres prostitutas vem sendo investigado em diálogo com prostitutas, desde 2004, sendo abordado numa perspectiva existencialista, isto é, a partir da relação experiência/sentido proposta por Larrosa-Bondía (2002). Sendo assim,

buscamos identificar e compreender sentidos atribuídos por essas mulheres aos saberes e processos educativos consolidados nas relações e experiências vivenciadas no exercício da prostituição.

Tendo em vista a pluralidade semântica do vocábulo prostituição, faz-se necessário ressaltar que o uso desse termo é empregado para aludir à prestação voluntária de serviços sexuais por mulheres adultas mediante acordo prévio com cliente acerca de tempo, custo e modalidade do serviço a ser prestado, e não deve, portanto, ser compreendido como sinônimo de exploração sexual.

Inicialmente, são apresentadas considerações acerca das contribuições da Educação Popular como referencial teórico e metodológico no fazer pesquisa com prostitutas, possibilitando o desvelamento de autoimagens e representações positivas construídas por essas mulheres em contraposição aos estereótipos depreciativos comumente veiculados sobre elas. A seguir, são tecidas considerações sobre o processo de organização social de prostitu-

tas no Brasil e sua busca por autonomia efetivada por meio da realização de diferentes ações educativas. Por fim, são apresentados depoimentos das participantes da pesquisa que ilustram seus sonhos, medos e ousadias, entendidos como saberes de experiência feitos na prática da prostituição e em sua trajetória de militância.

## Educação Popular e o fazer pesquisa com prostitutas

O convívio metodológico<sup>1</sup> com prostitutas há mais de uma década permitiu apreender que, nas experiências vivenciadas no interior da prática social da prostituição, essas mulheres desenvolvem diversos processos educativos, tais como aprender a ouvir, a respeitar o outro, a tornar-se cautelosa, a cuidar de si e das colegas de ocupação, a lutar por seus direitos, dentre outros. Esses processos educativos contrapõem-se aos estereótipos comumente veiculados sobre essas mulheres, nos quais as prostitutas figuram ora como vítimas, outrora como mulheres encrenqueiras e destituídas de solidariedade.

A dialogicidade, entendida como um princípio da Educação Popular, torna-se essencial no fazer pesquisa com prostituta, evitando julgamentos prévios por parte dos pesquisadores acerca de quem são essas mulheres. Com base nos aportes da Educação Popular, o fazer pesquisa torna-se processo relacional entre a pessoa pesquisadora e as pessoas participantes da pesquisa que, juntas, visam a problematizar a realidade; é nesse sentido que o fazer dialógico não se volta a pesquisar sobre certo grupo social, antes busca o estar com membros desse grupo social e com eles fazer a leitura da realidade.

O diálogo visa problematizar o próprio conhecimento (científico, técnico ou de experiência) “em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREI-

RE, 1977, p. 52). Assumindo essa compreensão do diálogo, educadores e pesquisadores populares buscam desenvolver ações educativas e pesquisas voltadas a desconstruir estereótipos e imaginários negativos disseminados acerca de grupos sociais populares, pois conforme acentua Arroyo (2009), a construção de autoimagens positivas e seu reconhecimento por parte de integrantes de grupos populares figura como um dos aspectos mais pedagógicos da Educação Popular.

Ao analisar representações da prostituição no discurso do Sistema Único de Saúde e do terceiro setor, Flávio Lenz (2011)<sup>2</sup> destaca algumas das expressões e imagens depreciativas que frequentemente são associadas à prostituta, tais como mal necessário, degenerada nata, desviante moral, inimiga do trabalho, ameaça social (por ser considerada transmissora de doenças venéreas e maus exemplos para outras mulheres), vítima (da miséria, da escravidão ou do tráfico internacional de mulheres), *femme-fatale*, mulher pervertida e doente.

Ciente de que muitos desses estereótipos são criados e propagados com objetivo de favorecer o processo de marginalização de prostitutas, tenho me dedicado a investigar em diálogo com prostitutas a face educativa que também caracteriza a prática da prostituição, almejando descortinar saberes de experiência construídos nessa prática como forma de contribuir com a superação do preconceito voltado a essas mulheres e de fomentar um olhar mais humanizante sobre a prostituição e as pessoas que dela se ocupam.

O saber de experiência é adquirido a partir da forma como cada sujeito responde e atribui sentido ao que lhe acontece no decorrer de sua vida; trata-se, portanto, de um saber subjetivo e particular que não deve ser minimizado ou entendido como um saber distorcido, pois é por meio da experiência e do saber que dela deriva que o ser humano apropria-se de sua vida (LARROSA-BONDÍA, 2002).

Ratificando esse entendimento, Freire (1995) afirma que o saber de experiência resulta de uma maneira espontânea com que os seres humanos movem-se no mundo, desenvolvendo assim uma forma de perceber e ser sensibilizado pelo mundo,

1 Consiste em metodologia de pesquisa pautada pela intersubjetividade, na qual a pessoa proponente da pesquisa dá forma e início à investigação a partir da busca por dar-se a conhecer e por conhecer os sujeitos participantes da pesquisa, o que requer disponibilidade para ser acolhido, para participar e estar junto ao outro, demandando tempo, paciência e convivência (OLIVEIRA et al., 2014; OLIVEIRA: STOTZ, 2004).

2 Pesquisador, jornalista, editor do Jornal Beijo da Rua, integrante da ONG Davida, ligada à Rede Brasileira de Prostitutas, e companheiro de Gabriela Leite – precursora do movimento de organização de prostitutas no Brasil.

pelos objetos, pelas presenças e falas dos outros. De acordo com o autor, o processo de saber, “que envolve sentimentos, emoções, memória, afetividade, mente curiosa de forma epistemológica” (FREIRE, 1995, p. 122), envolve igualmente outros sujeitos curiosos e capazes de conhecer não se encerrando na relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível.

Destarte, uma metodologia de pesquisa participativa e coerente com os princípios da Educação Popular não nega a intersubjetividade no fazer pesquisa, pois visa à construção de “uma forma partilhável de compreensão da realidade social” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 54). Nesse sentido, o conhecimento científico e o popular devem articular-se criticamente, engendrando um conhecimento novo e transformador, superando, assim, a relação tradicional de sujeito-objeto estabelecida entre pesquisador-educador e os integrantes de grupos populares.

Entender os participantes de pesquisa como sujeitos produtores de conhecimento é essencial no fazer pesquisa com prostitutas, uma vez que essas mulheres encontram-se em processo de organização social e vêm implementando diversas estratégias para divulgar sua estética, seus saberes e afirmar sua condição de sujeito.

## Prostitutas organizadas em busca de autonomia

Prostitutas têm assumido uma postura crítica frente a ações que buscam integrá-las socialmente por meio da oferta de cursos de curta duração (culinária, artesanato etc.), com objetivo de proporcionar fonte de renda alternativa, visando tirá-las da prática da prostituição. Conforme denúncia feita por essas mulheres, tais ações corroboram sua vitimização em vez de favorecer o desenvolvimento de sua autonomia, ao passo que ratificam a compreensão de que a sociedade não precisa ser transformada, o preconceito que recai à prática da prostituição não precisa ser problematizado e a prostituta é quem deve adequar-se à moral vigente e abandonar sua ocupação para que possa, então, ser aceita e respeitada socialmente.

Refutando a condição de vítima, prostitutas têm se organizado em associações da categoria e vêm desenvolvendo ações educativas e culturais

que se configuram como estratégia para afirmar a sua estética e reivindicar o reconhecimento de sua ocupação como profissão.<sup>3</sup> Dentre essas ações destacam-se: o concurso Miss Prostituta, a Corrida da Calcinha, o ponto de cultura do CIPMAC e o jornal Beijo da Rua.

O concurso Miss Prostituta é realizado pela Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROS-MIG), desde 2012, com intenção de problematizar o preconceito que recai sobre a mulher prostituta, favorecendo a promoção da autoestima e a assunção da condição de prostituta.

A Corrida da Calcinha, organizada pela Associação de Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), desde 2007, consiste em corrida cuja largada ocorre na Rua da Areia (zona de prostituição da cidade de João Pessoa), onde as pessoas correm com uma calcinha na cabeça e recebem um bode como premiação. No decorrer do dia, há diversas atividades culturais, tais como shows, leitura de poesia, cinema de rua, peças de teatro, tenda e oficinas de beleza etc. O objetivo desse evento é promover a visibilidade da prostituta, levando diferentes grupos sociais a ocupar a Rua da Areia e a interagir com pessoas que exercem prostituição nesse local.

A consolidação do Centro Informativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo (CIPMAC) como ponto de cultura e a realização de cursos e oficinas de informática, de pintura, de maquiagem, dentre outras, para prostitutas, travestis, michês e seus familiares configura-se como exemplo de ação educativa e cultural desenvolvida pelas prostitutas organizadas. Cabe ressaltar, conforme depoimento da coordenadora do CIPMAC, que essas oficinas não têm intenção de retirar essas pessoas da atividade, mas sim gerar renda alternativa aos profissionais do sexo nos momentos em que a demanda por serviços sexuais é baixa na cidade de Campina Grande (PB).

O Jornal Beijo da Rua<sup>4</sup> (idealizado em 1987 no

<sup>3</sup> No Brasil, desde 2002, a prestação de serviço sexual é reconhecida como profissão a partir da inclusão do descritor “profissional do sexo” na Classificação Brasileira de Ocupações. No entanto, a regulamentação da atividade e seu reconhecimento como profissão propostos pelo projeto de Lei no 4.211/2012, formulado pelo deputado Jean Wyllys em diálogo com associações de prostitutas (notadamente a ONG Davida, localizada no Rio de Janeiro) ainda encontram-se em processo de tramitação na Câmara.

<sup>4</sup> Além da edição impressa, atualmente, também se encontra disponível online, no endereço eletrônico: <<http://www.beijodarua.com.br>>.

I Encontro Nacional de Prostitutas, com intuito de veicular informação sobre a categoria) é produzido pela ONG Davida, localizada na cidade do Rio de Janeiro, e veicula o pensamento das prostitutas organizadas nas diferentes associações brasileiras, dando visibilidade a suas atividades. Também produzida pela ONG Davida, destaca-se a grife Daspu e a organização de desfiles de moda – um exemplo de projeto autossustentável gerido por prostitutas que permite captação de renda para seus projetos e divulgação da estética da prostituta.

Essas ações educativas e culturais planejadas e executadas por prostitutas funcionam como os chamados círculos de cultura idealizados por Freire (1970), ou seja, configuram-se como práticas coletivas de ensinar-e-aprender pautadas no diálogo, na horizontalidade das interações pedagógicas e na vivência ativa e partilhada da construção do saber. No círculo de cultura, o diálogo é mais que uma técnica para articulação do grupo, já que assume a dimensão de diretriz e fio condutor da experiência educativa vivenciada no coletivo, onde aprender consiste em aprender a dizer a sua palavra, isto é, em “re-existir criticamente as palavras de seu mundo” (FIORI, 1970, p. 5).

Ao longo da pesquisa de pós-doutoramento, por meio do convívio com as participantes da pesquisa, foi possível apreender que, ao participar das ações educativas e das rodas de conversas desenvolvidas nas associações da categoria, essas mulheres vão tecendo, em comunhão, a colaboração e a gestação de projetos de vida coletivos, nos quais as prostitutas podem pronunciar o mundo de maneira autêntica, sendo respeitadas como cidadãs e detentoras do direito de ser quem elas são, em vez de adaptarem-se à moral vigente para serem aceitas.

Em sua luta por direitos, e ao assumir-se enquanto sujeito de sua prática, essas mulheres realizam o que Giddens (1991, p. 43) denomina como monitoração reflexiva da ação, isto é, “todos os seres humanos rotineiramente ‘se mantêm em contato’ com as bases do que fazem como parte integrante do fazer” e, a partir desse contato, definem como seguir adiante. Ao refletirem sobre sua prática, as mulheres participantes da pesquisa apontam que existe um sonho compartilhado por elas de tecer um novo olhar acerca da prática da prostituição, bem como da figura da prostituta, no

qual a prostituta seja percebida como sujeito de seu fazer e não como vítima das vicissitudes da vida. Cabe ressaltar que a concepção de sonho nutrida por essas mulheres não é imobilizante, mas sim utópica e carregada de esperança, e consiste como ato político necessário assumindo a conotação de “motor da história” e da mudança, conforme alertamos Freire (2008, p. 91).

Luza – presidente da APROS-PB – destaca que seu sonho é ver as prostitutas se assumindo e afirmando sua identidade:

Eu acho que era as prostitutas terem essa identidade, sabe? Elas participarem mais, elas se reconhecerem enquanto cidadãs. Porque algumas mesmas, elas mesmas, sabe? Por conta do preconceito [...] elas acabam até se desvalorizando, essas coisas todas, né? E não é isso que a gente quer. O que a gente mais quer é que todas se vejam como cidadãs, que defendam seus direitos, que procurem se informar sobre seus direitos, cuidar da sua saúde e viver como qualquer outro cidadão.

O depoimento de Luza ilustra a luta das prostitutas na construção de sua autonomia. A autonomia constitui-se, portanto, “como base axiológica da luta”, na qual positivar-se significa permanecer na prática da prostituição e engajar-se coletivamente com intuito de tirar a experiência cultural da prostituição do lugar de marginalidade e, por meio de um novo sistema de relações, inseri-la no universo das legitimidades (OLIVAR, 2013, p. 288).

## O saber de experiência feito na prática da prostituição

O ser humano se educa ao longo da vida, nas diferentes práticas sociais de que toma parte ao longo da vida, e na prática da prostituição não é diferente. Ao longo de pesquisas desenvolvidas com base no diálogo e convívio metodológico com prostitutas (SOUSA, 2007, 2012), tenho observado que essas mulheres desenvolvem diversos saberes de experiência nas relações estabelecidas em diferentes contextos prostitucionais.

Observar os comportamentos adotados por prostitutas mais experientes e pela clientela é uma das formas empregadas por essas mulheres para desenvolver saberes e aprendizagens. Nesse sentido, Cláudia – prostituta que presta serviços sexuais em

um bar nos arredores da Feira Central de Campina Grande – compara a prostituição a uma escola. Ela afirma: “Aqui mesmo, aqui é uma escola, essa profissão é uma escola! Você vai aprendendo com o comportamento de cada um”.

A participação em associações da categoria resulta em oportunidades relevantes de reflexão sobre seu fazer e de discussão acerca das diversas formas de conduzir sua ação e de construir autoimagens positivas que contrastam com os estereótipos depreciativos, frequentemente veiculados acerca das prostitutas. Nesse sentido, rechaçam veementemente a posição de vítima e afirmam a condição de sujeito, conforme podemos observar no depoimento de Luza:

Não acredite que ninguém vai chegar aqui oferecendo espaço para você não! Você tem que ir buscar isso [...] É isso aí, porque enquanto a gente ficar embaixo do tapete, ninguém vai ver a gente, né? A gente tem que sair, tem que sair, sabe, é de cabeça erguida mesmo! Tem que levantar a cabeça, tem que dar a cara a tapa, não tem essa não. Porque se a gente for sair de coitadinha também não vai adiantar!

Corroborando a assertiva de Luza, Luciene – que já exerceu trabalho sexual e atualmente atua na coordenação da APROS-PB – afirma que sua participação na associação possibilitou distintas aprendizagens, dentre elas destaca a habilidade de falar em público e a perda da timidez. Habilidades adquiridas por meio de desenvolvimento de oficinas voltadas a prostitutas e caminhoneiros realizadas em cabarés e em postos de gasolinas, com objetivo de discutir prevenção de DST/Aids e direitos humanos. Luciene destaca:

Eu já fui bem mais tímida. Eu chegava aqui, seu eu falasse com você, eu não olhava para o seu olho não. [...] Eu já fui bem mais tímida, mas conforme eu fui participando do movimento, eu fui me soltando mais um pouco, [...] o que eu melhorei, na APROS, foi falar. Assim, igual eu falei, eu não conseguia falar com ninguém e olhar no olho, sou toda tímida, tinha vergonha. Se eu fosse numa reunião, até mesmo em negócio de igreja mesmo, eu ia morrendo de vergonha, achava que estava todo mundo me olhando. Não, hoje eu vou pra uma reunião, se for o caso de falar na reunião eu falo. Depois que eu conheci a APROS eu me animei mais, passei a me cuidar mais.

Luza também afirma que o exercício da prostituição e a militância na busca por seus direitos resultaram em muitas aprendizagens, especialmente no fortalecimento da autoestima e no cuidado de si:

Ai mulher, eu aprendi muito, acho que mais que qualquer coisa a autoestima, sabe? A autoestima que eu não tinha. Eu algum tempo atrás, eu nem sequer me identificava, né? Eu não dizia que eu era prostituta, eu dizia que eu era doméstica, eu dizia que eu era qualquer outra coisa menos prostituta, mas aí depois que eu conheci meus direitos, que eu sei que prostituição não é crime, não é? Isso é que foi a grande aprendizagem que eu ganhei através do movimento, eu acho que só fui aprender no movimento mesmo, no movimento social. E muito conhecimento dos meus direitos, da questão da saúde, né? A me cuidar melhor, a cuidar mais de mim.

Cláudia também destaca que no exercício da prostituição aprendeu a cuidar mais de si, a ser mais responsável e pensar nas consequências de suas ações, tornou-se mais educada e aprendeu a economizar. Ela destaca que aprendeu a viver:

Aprendi a economizar, eu gastava muito no começo, aprendi sobre droga, é uma droga para mim, na minha vida nunca existiu. Roubo, coisa errada, eu aprendi que coisa errada não está na minha vida. Se coisa errada for fazer programa, eu ainda estou na coisa errada, mas eu aprendi mais a viver, hoje eu estou mais cabeça, eu tenho mais educação, hoje eu tenho cinco filhos e estão praticamente criados os meus filhos. Eu não viajo mais porque hoje a minha cabeça é de outro jeito, antes eu saía na sexta e chegava na segunda, eu grávida de nove meses bebendo por aí, passando noites e noites arriscando minha vida por aí! Hoje eu não tenho coragem de deixar meus filhos sozinhos uma noite. [...] Como eu já disse, eu aprendi várias coisas, eu aprendi mais a viver porque eu era meio fora do mundo!

Aprender a viver é uma expressão usada pelas prostitutas para aludir ao desenvolvimento da habilidade de tornar-se cautelosa, aprendendo a agir com a razão e não só com emoção, isto é, por impulso. Essa habilidade é fruto de processos educativos que levam as prostitutas a selecionar as palavras que vão ser ditas e de distinguir em que momento ela deve falar ou quando deve fingir que não viu e não escutou. Sobre essa aprendizagem, Gabi – outra participante da pesquisa – diz “a gente usa mais a

mente! Não age mais com emoção, entendeu? As palavras são bem usadas. A gente aprende a lidar com os homens, entendeu?”.

Ratificando o depoimento de Gabi, Cláudia complementa:

Tem que aprender a viver e, outra coisa, o que escutar fingir que não escutou, o que viu é cego e quanto menos você falar nesse lugar aqui é melhor, viu? Deixa o pessoal falar, cada uma que dá uma alfinetada, deixe o pessoal falar e fique calada, fique só escutando que é melhor. Por quê? Porque depois aquela turma todinha ali se revolta contra você e a culpada só é você. ‘Não é fulana’? Ôche, eu não sei não, eu estou tão entretida que não estou nem prestando atenção aí! Mas deixa que eu estou prestando atenção em tudo!

Assim como Cláudia, Luciene também advoga que aprendeu a pensar nas consequências de suas ações. Ela destaca que aprendeu a respeitar o direito dos outros, ao passar a refletir sobre em que momentos deve falar e quando deve permanecer calada, guardando segredos alheios:

Sim, mulher, aprendi a calar a minha boca porque antes eu falava demais. Isso sim eu aprendi a respeitar o direito dos outros, né? Porque se você chega contando uma coisa pra mim é porque você está confiando em mim. Aí você fala um negócio comigo, de repente eu vou falar com uma amiga. Isso é chato.

Além de tornarem-se cautelosas no exercício de sua atividade, as prostitutas vão aprendendo a auto-defesa. Para isso é preciso desenvolver uma postura de enfrentamento às adversidades. A mulher precisa afirmar-se enquanto sujeito e não pode “ser frouxa” ou “mole”, caso contrário o cliente pode querer se impor. Sobre a aprendizagem da autodefesa Glória destaca: “[...] a gente aprende bastante! Aprende tudo, aprende a tentar se defender sozinha”. E Cláudia complementa:

Porque é como eu disse, às vezes, tem pessoas agressivas. Eu nunca peguei não, mas eu também eu dou uma de brava no quarto, eu digo ‘é o quê? Vai, eu vou te empurrar aí no salão na frente de todo mundo nu. Se você tirar onda aqui, não tire onda não!’ Tem que saber lidar também, né, porque se ficar de boca aberta eles querem bater. É porque se você der uma onda de frouxinha, de mole, eles querem montar, né?

Essas aprendizagens vão se consolidando ao longo da vida nas experiências vivenciadas com as colegas de ocupação e com as demais pessoas com quem as prostitutas convivem. Como denota Luza, no depoimento abaixo:

A vida, o dia a dia, é a melhor escola, né? Você vai aprendendo a cada dia com as colegas, você vai acumulando aquela experiência com as colegas, com as colegas, com os clientes, com a família, com todo mundo, cada dia você aprende uma coisa nova, né? E aí você vai multiplicando isso também pra outras pessoas. Eu acho que é por aí.

E como Luza bem aponta, tais aprendizagens não ficam restritas ao convívio na prática da prostituição, elas são repassadas adiante, para as demais pessoas com quem as prostitutas se relacionam, pois só conhecendo o cotidiano dessas mulheres, suas histórias, seus desafios e suas aprendizagens é que será possível superar o preconceito que ainda recai sobre as pessoas que se ocupam dessa atividade.

[...] isso que eu aprendi, eu também fui multiplicando. Multiplicando para as companheiras. Não só para as companheiras de zona, mas também para as outras pessoas que também precisam ter esses conhecimentos, até mesmo para respeitarem as prostitutas, para aprenderem a respeitar as prostitutas, aprender a respeitar as prostitutas como elas são, como elas querem, como a gente é, do jeito que a gente é! Inclusive até a gente sempre usa uma frase aqui é ‘somos o que somos’, ‘mulheres são iguais em qualquer profissão’, isso são coisas nossas, é a nossa fala, hoje, sabe?

## Considerações

O engajamento na busca pela liberdade requer dos oprimidos a expulsão da “sombra” do opressor e o consequente preenchimento desse vazio deixado pela expulsão com o conteúdo de sua autonomia (FREIRE, 1970). Destarte, os depoimentos apresentados pelas mulheres participantes desta pesquisa permitem considerarmos que as prostitutas vêm se engajando nesse processo de libertação e construção de autonomia, na medida em que refutam a imagem de vítimas e afirmam sua autodeterminação.

No movimento de confiar desconfiando, questionando mitos e preconceitos que recaem sobre a prática da prostituição e as pessoas que se ocupam dessa atividade, prostitutas tecem novos olhares, saberes e valores sobre si e sobre sua prática. Na convivência, ao compartilhar infortúnios, medos, riscos, aprendizagens, prazeres

e ousadas, essas mulheres vão “reaprendendo a ver o mundo”, habilidade essencial para quem compartilha do desejo de transformar a realidade e para sujeitos que, conforme destaca Merleau-Ponty (2006), anseiam por tomar o destino em suas próprias mãos, tornando-se responsáveis por sua história.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. Educação popular, saúde, equidade e justiça social. **Cadernos Cedes**, Campinas, SP, v. 29, n. 79, p. 401-416, set./dez. 2009.
- BRANDÃO, Carlos R.; BORGES, Maristela C. A pesquisa participante: um momento de educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, MG, v. 6, p. 51-62, jan./dez. 2007.
- FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 3-10, jan./jun. 1986.
- \_\_\_\_\_. Aprenda a dizer sua palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 1-15. (Série ecumenismo e humanismo; v. 16).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 15.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Coleção O Mundo Hoje, v. 24).
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. (Série ecumenismo e humanismo, v. 16).
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- LENZ, Flávio C. **O Estado da saúde e a “doença” das prostitutas: uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do terceiro setor**. 2011. 130 f. Monografia (Especialização em Comunicação e Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- OLIVAR, José M. N. **Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- OLIVEIRA, Maria W. Et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.
- OLIVEIRA, Maria W.; STOTZ, Eduardo N. Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPED, 2004. p. 1-17.
- SILVA, P. B. G. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro**. 1987. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Porto Alegre, 1987.
- SOUSA, F. R. **Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se**



nas relações com seus clientes. 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2007.

\_\_\_\_\_. **A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição.** 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2012.

*Recebido em: 01.11.2014*

*Aprovado em: 15.12.2015*